

A PLEBE

PERIODICO LIBERTARIO

REDATOR-GERENTE: RODOLPHO FELIPPE

Redação e administração
Parque D. Pedro II N. 103 - 2o. andar
Expediente à noite

ASSINATURAS:
Ano 10\$000 -- Semestre 5\$000
Numero avulso 5\$200 -- Pacote: 12 exemp. 75\$000

Toda correspondência, vales e registros
devem ser endereçados à Caixa Postal 195
S. Paulo - Brasil

Novos horisontes Novas possibilidades

Até que enfim chegou ao Brasil a QUESTÃO SOCIAL. Neste belo pedaço da America, onde falar-se em assuntos sociais constituia crime de expulsão e de prisão pelos arripios, sustos e indignação que causava aos grandes troncos industriais e políticos, acabou-se após agitações de anos e depois de varias revoluções, por admitir a debate as questões referentes ás melhorias e reformas essenciaes proprias a alisar as arestas que separam as classes e as medidas tendentes a suavisar as agruras do povo trabalhador.

Nem seria de esperar outra cousa. O Brasil em contacto directo com todo o mundo, em relações diarias com os países onde essas questões empolgam as massas operarias e atingem proporções assustadoras, não poderia ficar indefinidamente alheio a tão grandioso movimento, visto que aqui, como em toda parte, ha classes cujos interesses são antagonicos: ricos e pobres, empregadores e empregados, opulentos e indigentes.

Esse momento, tão almejado chegou. Um pouco tarde, é verdade, mas ainda a tempo de, havendo boa vontade, se recuperar o perdido. Assiste-se atualmente a uma ebulição extraordinaria nos espiritos e nas instituições. Todos compreendem que conservar os costumes, hábitos e processos antigos é impossível. E uns de boa fé e outros por interesse pessoal e de classe procuram apresentar programas e fundar partidos e assentar ideias que outra cousa não representam que figurinos novos enxertados em ideias, partidos e instituições falhadas e condenadas pela pratica, pela experiencia e pelos péssimos resultados que já produziram.

É uma efervescencia continua, um interesse muito vivo em meio á desorientação geral. Homens que nunca pegaram numa brochura de sociologia, doutores que nada conhecem fóra do Direito Romano e das leis contidas nas Ordenações do Reino, apegados á letra de

códigos retrógados e anacrônicos, gente cuja vida mental se cristalizou nas lições bebidas nas escolas e faculdades ha dezenas e dezenas de anos, assiste agora ao movimento atual meio assarapantada, cheia de confusão e indecisão.

Outros são moços e generosos e têm vontade de limpar o caminho do progresso dos embarços e obstáculos que o atravancam e o enfiavam. Mas, também sem convicções muito profundas e perante as hostilidades, resistencias e dificuldades de toda a especie que lhe opoem, hesitam, titubeam e desarmam. Mas o mundo marcha como dizia Peletan. Concepções religiosas e politicas, hábitos mentaes, interesses de familia, ou de casta, inclinações por pessoas e instituições, preguiça de pensar, horror ás mudanças, afeito e apego ás tradições, tudo isso agora se choca e se deglodia, produzindo desorientação febreante nos espiritos menos habituados a tales lides e que não acham saída facil do caos estabelecido.

Mas, como no Génesis, se do caos saiu a luz, também desta barafunda atual ha de sair, esperemo-lo continuamente, uma concepção nova, compativel com as necessidades modernas, impregnada do espirito de tolerancia, do respeito a todas as idealidades, abrindo passagem e caminho a todas as aspirações de liberdade, de igualdade e fraternidade.

Pelo que respeita aos libertarios estaremos onde sempre estivemos: de boa fé e de animo sereno continuaremos a batalhar pelo advento duma sociedade livre de todos os preconceitos irracionais, por uma sociedade em que desapareça a desigualdade economica, geradora de todas as outras, por uma sociedade sem castas, sem classes, sem injustiças, onde todos produzam segundo as suas forças e consumam conforme as possibilidades coletivas. Pelejaremos por uma humanidade nova e por uma nova sociedade onde o unico privilegio existente

seja o da abnegação de um por todos e de todos por um.

Na marcha deste longo percurso é possível que o façamos paralelamente com outros que sim o mesmo caminho até um ponto dado.

Dal em diante faremo-ló sózinhos, certos de que ha de chegar também a nossa hora, o momento da vitoria para todos aqueles que aspiram á completa remodelação da sociedade e integral regeneração da humanidade.

ERRICO MALATESTA

Malatesta morreu a 2 de Julho. Que vida era a sua depois do estabelecimento do fascismo. Não cogitamos tanto das condições materiais que lhe eram impostas pela vigilancia da policia, mas, principalmente, dos sofrimentos moraes devidos á necessidade de se isolar absolutamente. É possível que o DUCE, que bem o conhecia, conservasse uma especie de respeito ao velho, mas, procurava também servir-se dele como de uma isca para desembaraçar a pais de seus elementos nocivos. Nenhum amigo autori-

sentava a faceta propriamente dita «revolucionaria».

Independentemente de uma evolução que se produzia na mesma época (1875) na Sulsia, em torno de Dumartijeray, Malatesta e seus amigos intimos decidiram abandonar o termo «coletivista» para arvorar o de «comunista», — o qualificativo «anarquista» sendo o fosso que separava esses precursores das concepções de um Cabot (e do Bolchevismo atual). Mas o aspecto característico dos anarquistas italianos, desse periodo, era considerar



sado, nenhuma visita, nenhum sinal de reconhecimento na rua, nenhuma carta escrita ou recebida que não denunciava uma vitima aos esbirros governamentais.

Podia corresponder-se com seus amigos do estrangeiro, enviar-lhes artigos, mas, as respostas deviam ser singularmente anónimas para que lhe fossem entregues. Finalmente, o governo está aliado, o cadaver de seu inimigo desapareceu.]

Malatesta foi o tipo do homem que subordina a totalidade de sua existencia ao trabalho dos mais nobres ideais.

Nascido da burguesia, estudante na Universidade de Napoles, tudo abandonou no momento de escolher seu caminho. Nenhum liame de familia, que eu saiba, nenhuma aspiração para o bem estar burguês, nenhuma necessidade material. Fez presente aos camponeses, seus vizinhos, das pequenas propriedades da sua herança.

Foi sempre como operario que ganhou a vida: carregador, mecânico, principalmente electricista; por toda a parte soube tornar-se útil. Malatesta foi a abnegação feita homem.

Sob o aspecto da elaboração das ideias que se cristalizaram em «comunista-anarquista», Malatesta repre-

sentava a faceta propriamente dita «revolucionaria».

«A linha no seu ativo, a sublevação de CASTEL DEL MONTE, perto de Tarento, na qual com cinco camaradas, tentara em vão arrastar os camponeses (11-14 agosto de 1874). O mais conhecido desses movimentos é a insurreição de BENEVENTO (6-10 de abril de 1877. Em numero de 40 a 50 — 27, por bom dizer, no momento crítico, os revolucionarios percorreram aldeias com algum sucesso de simpatia, mas, houve um traidor, e foi preciso dispersar-se.

«As ideias jorram os atos; e não, os atos, as ideias», dizia, em 1857, o insurgente Pisacane, que encontrou a morte na região onde, tres anos mais tarde Garibaldi triunfou. Contar, em seus detalhes a expedição de Benevento, seria ao mesmo tempo mos-

Si o ambiente mudava o homem, o homem, por sua vontade e sua ação, resistia ao ambiente e o modifica.

ERRICO MALATESTA

trar a sua grandeza e fazer a critica. Sendo dados por intrépidos elementos, intrépidos e avisados, as aspirações do meio geral, na época considerada, formam, sem duvida, o principal fator, pró ou contra a utilidade dessas sublevações.

Na vida de Malatesta, nenhuma complicação metafisica, nenhuma subtilidade de pensamento; seu sentimento, sua ideia, sua vontade dão uma vida toda simples, réta, límpida como a agua da rocha. Também foi amado como um irmão, por Kropothine entre outros, apesar de frequentes divergencias de opinião.

(«PLUS LOIN» — Julho 1932

Paul Réclus

Dados biograficos de Malatesta

1850 ou 53 — 1932

Nasceu em Santa Marie Capua.

Estudou na Universidade de Napoles.

Abandonou os estudos de medicina para se dedicar á propaganda revolucionaria anarquica.

Em 1876 foge da Italia, implicado num «complot». Em 1878, de novo, em Napoles, é obrigado a fugir novamente.

Em Buenos-Aires edita um jornal revolucionario. Depois, em Paris.

Convoca congressos operarios em Paris, na Belgica, na Suissa.

Refugia-se em Londres.

Perseguido, volta á America do Sul. Novamente é obrigado a refugiar-se na Inglaterra.

Em 1914, estando na Italia, é obrigado a fugir: America do Norte, America do Sul, França, Suissa, Belgica. É indesejavel, expulso de toda parte.

Volta a refugiar-se na Inglaterra.

De novo na Italia em 1919 e em 1920 funda «Umanità Nova», destruida por ordem do fascismo.

Em Roma, em 1921, de novo tenta publicar «Umanità Nova». Em 1922 é definitivamente suprimida por determinação fascista.

Entre 1919 e 1922, Malatesta é implicado em diversos processos, preso varias vezes. Fez greve da fome com outros companheiros e foi posto em liberdade, para ser novamente preso pouco depois.

Em 1924 consegue publicar «Pensiero e Volontá» que vai irregularmente até 1926. Após o atentado de Lucetti contra Mussolini, é novamente preso. Finalmente, «Pensiero e Volontá» é definitivamente suprimido pelo fascismo.

Colabora, daí em deante, nos jornaes estrangeiros: «Pisaveglio Anarchico» de Genebra; «Adunata del Refrattari» de New-York; «Lotta Umana» e «Libertaire», de Paris; «Studi Sociale», de Montevideo, e outros.

Tres vezes foi condenado á morte, 12 anos de galés, 19 insurreições. A vida inteira dedicada ao sonho, por vezes tragico, da emancipação humana.

A marê montante

O aspecto empolgante que se apresenta aos olhos do observador menos perspicaz e das mãos inactivas e estivas. Para qualquer peão do cardão do globo que se voicva, assiste as lutas desesperadas que se travam em todos os sectores da vasta aglomeração humana. Não ha um canto do globo onde se possa dizer que al resida a paz, a socce, a harmonia de vistas entre os diversos membros das diversas castas, categorias ou classes de individuos em que a sociedade esta dividida. Por toda a parte, do norte a sul, do oriente a ocidente, a vaga de desconfiança, de mal estar, de desespero vai subindo e tornando propósitos assistidos que se aguçam e aguçam, alogat, mudam este mundo ca putalista e burguez, que pro porment toda a soma de prazer aos magnatas da fortuna, da posicao e do milita rismo, enquanto as multitudes operarias que tudo criam e todo produzem morrem de fome, de frio, de media e desventura.

Sua a situação das massas operarias, a situação do povo latino que sua, trabalha, produz e é desprezado e esquivado do banquete da vida social e no certamen da vida educativa e intelectual da sociedade, está atingindo o auge do desespero, o pitarado da fúria, o apice da indignação. La conjunto de loucuras, de insensatezes e de crimes, como as guerras, cometidas pelos politicos no serviço dos interesses dos grandes aggrados dos grandes industriais e dos grandes banqueiros, conduziram os países, os povos, as nações a uma triste e sombria, desde longe sem fundo que é a bancarrota confessada ou disfarçada de todas as fortunas de todas as panacéas, de todos os dogmas, de todos os teoremas com que os professores, jornalistas e politicos apang ados mercenários e vénaes, tenta vahn nadir a humanidade das vantagens, bonanzas e beneficos desta sociedade que é um paraizo para os ricos e um tormento de famia para os pobres, para os trabalhadores, para os desprotegidos da fortuna. Mas é lancem a latencia curta e irremediavel de toda a desconfiança economica burguesa e capitalista. As dividas de todas as nações atingem numeroz astronómicos, todos os países estão empobrecidos, indivíduos ate as pontas dos cabelos. Vivem todos os governos, sacando sobre o futuro, fazendo dividas lufas lufas, consultado encargos lufuosos, que pagaram no dia de São Nuncia, quando um anagy do céu lhes fez chover ouro pela cabeça abixo.

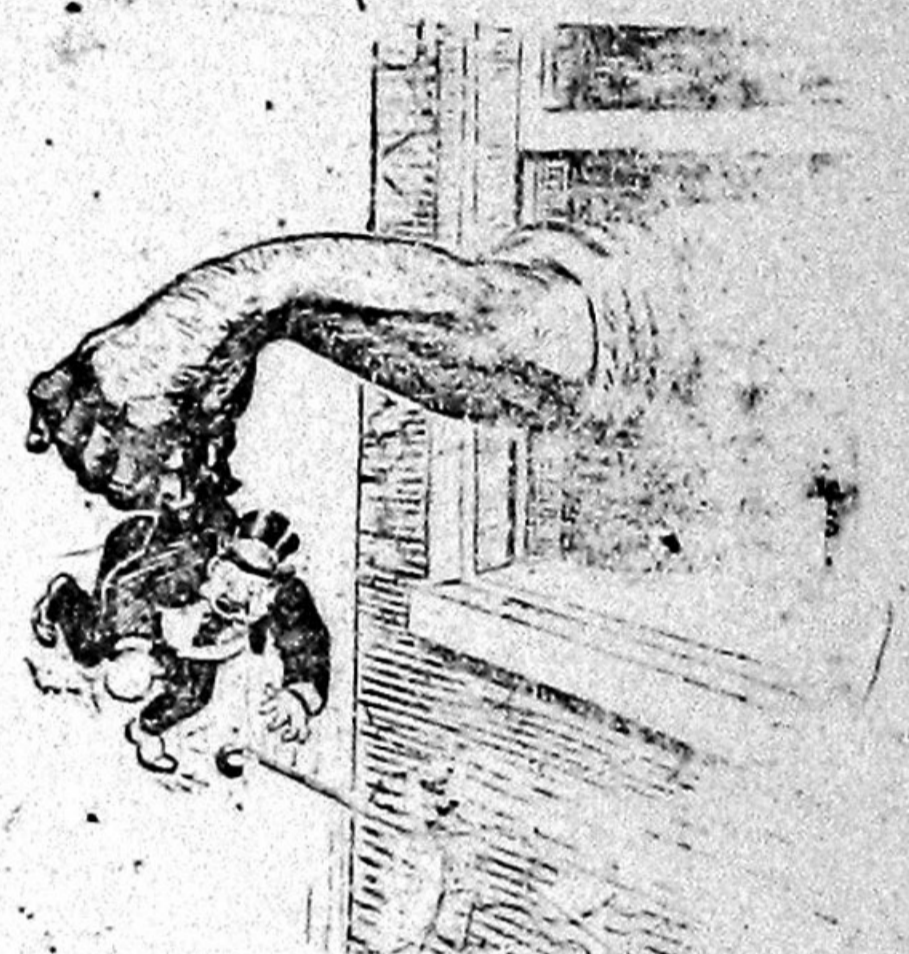
Das estas dividas provoca a paga de juros empobrecimentos que deixam o povo em estado de miséria, total, absoluto, expulso, sem paz e sem trabalho. Os impostos aumentam de ano para ano e a balança que devia equilibrar o lado do fomento para a agricultura e para a industria, proporcionando trabalho aos operarios, aos trabalhadores dos campos e das cidades, mal chega para fazer um dia o serviço dos juros e o pagamento dos lufuosos passivos, das poupanças e carências, organizadas para que vão sustentando de pé esta simanjara,

social carnuehosa e carcozida ate á medula. Este fato, porém, atrofia e debilita qualquer expansão económica, comercial, industrial. Quem não tem não troca, diz o ditado popular. E é muita verdade. O trabalho não produz, não tem quem lhe alugue os meios por um magro e infimo salario, eac na mais abjecta miséria, nada pode gastar, com sumir, comprar. Mas, como consequencia correspondente, o comercio define porque

oficina da mina e do b reo, do estaleiro e da locomotiva, para que estas instituições de origem e carater social, sirvam a todos os homens em geral, a toda a humanidade, sem exclusivismos odios, os sem privilegios injustos, sem monopólios de castas, de raças, de classes.

A terra é de todos, ninguém a criou, ninguém a escolheu. E pertence de todos, portanto. O progresso da maquina é produto de todas as gerações que nos antecederam. Somos seus herdeiros, temos todos direito a ela, e nossa portento, devemos ser

O QUE URGE FAZER



LIMPEZA NA CASA.

não vende e a industria, não tendo onde colocar os seus produtos, paraliza. E é um jeço sem saída. Nunca se produziu tanto, nunca houve maquinas tao aperfeiçoadas e rendosas e dezenas de milhares de criaturas, não têm páo nem emprego.

É uma situação intoleravel, iniqua, abominavel. Exercitos de desempregados levamiam clamores desesperados, mostram os punhos cerrados aos dominantes, protestam, barafustam, reclamam, derigem-se as grandes capitales, as chamadas metropoles fazendo rebat por entre o estrepito dos seus passos as suas apostrofes indignadas, as suas invejivas desesperadas, os seus apelos insistentes. Que conseguirão? De positivo, promessas assucaradas, palavras mentirosas, atambrecadas, súplicas de calma e de paciencia para depois de mortos gozarem as delicias celestias.

Mas o povo está farto de promessas vãs, de lufagens enganadoras, de perspectivas sedutoras. Converteram-se em alimento de estomagos vazios e o céu está o povo farto de o ver tudo e molerem-se a sua sorte. O céu está muito alto e a burguezia interessa sendo aos astrónomos. O povo está-se balanceando valente e heróicamente por esta terra em que nasceu e que o coimera depois de morto. Pela posse da terra que tudo produz e tudo oferece a quem lhe rasgue o ventre levando. E pela posse da fabrica e da

os seus legítimos usufrutuários, aproveita la, desenvolve-la, memora-la, torna-la uma benção para a humanidade em vez de ser como agora causa de desemprego de ruina proletaria.

Sim, na verdade, estamos assistindo á marê montante do oceano de indignação universal que acabara com todos os privilegios e monopólios de castas ou de classes e estabelecera o reinado da paz e da fraternidade universal nesta terra até hoje palco de misérias, de injustiças, de guerras, de calamidades.

Bakounine, após haver luctado com o legítimismo, tornou-se ateu e máteronista e quiz fazer filosofia: opôs a natureza a Deus, sem se aperceber que sua natureza não era, no fundo, senão outro nome de Deus e que o, que chamamos leis naturais negavam logicamente a liberdade tanto como a mais do que aquilo a que chamamos leis divinas. Mas, isso importa pouco. Si Bakounine tivesse acreditado em Deus, teria conciliado o anarquismo com essa creença, explicando que sendo todos filhos de Deus, todos somos irmãos, que Deus nos concedeu a liberdade e que nenhum irmão deve opprimir um irmão seus irmãos. Bakounine era um rebelde, e não se contentou a limitar, via na organização autoritaria da sociedade a causa dos tormentos e das injustiças que o angustiavam, e teria sido anarquista, se não se acreditasse em qualquer religião, livre para interpretar a religião de maneira e concilia-la o mais logicamente possível com suas próprias ideias.

Kropotkine estimava as ciencias naturais e as ciencias historicas, e em todos os ramos, achava a justificção do anarquismo. forçando logicamente os fatos, como e o caso de todas aquelas que propõem nos fatos a prova de uma lei e preconcebidas. Mas, os estudos litterarios em astronomia, em biologia e em sociologia mostram alterado estas opiniões simfônicas, de teria concluído aquando assim mesmo, porque eu não sou os homens e seu odio é a natureza não se teriam modificados.

ENRICO MALATESTA (Pensiero e Voluntas - 1928).

AS IMUNIDADES DO CLERO

(Especial para a Plebe)

Tenho em mãos um livro antigo «As Ruínas» de Volney. Publicado em Paris em 1871. Volney nasceu em 1757. «As Ruínas» esse livro admiravel, foi publicado pela primeira vez em 1791, ha 141 anos. «As Ruínas ou Meditações sobre as Revoluções dos Imperios» devem ser recordadas agora. Logo após a guerra civil desencadeada pela plutocracia pahtista, cujos arautos andam falando em mentalidade nova...

Nada ha de novo por sobre a face-da Terra... Volney viajou para estudar. E só viu guerra e combates. Por sobre todas as ruínas, só observou a luta entre os homens - para impôr a tirania do poder ou a tirania de principios religiosos.

Em nome do Deus de cada religião - o homem de todos os seculos massacrou, escravizou, exterminou o proximo. Volney, analisando esse Deus dos combates, chegou á conclusão: Não é Deus que fez o homem á sua semelhança, mas, foi o homem quem criou Deus á sua propria imagem.

E, cada religião, pedindo ao seu Deus a victoria sobre as outras religioes e sobre o proximo que as professa, cada partido e cada facção orando ao seu Deus, todos avançam uns contra os outros - para maior gloria da tirania e do Deus sanguinario feito á imagem e semelhança da besta latente no ser humano.

Através das lutas primitivas as riquezas foram acumuladas. Nasceu a propriedade privada. Nasceu o capitalismo. E como? Vamos responder agora com Lactancio, pela boca de um dos maiores luminares da Igreja Romana, o Cicero Cristiano que morreu no ano 325:

«Para que pudessem servir aos outros, alguns homens, menos numerosos, começaram a meter as mãos sobre tudo aquilo que fosse de primeira necessidade humana. Tendo obtido esses dons celestes, eles montaram guarda severa em torno dos bens de de que se haviam apropriado para satisfazerem especialmente a sua avidez e a paixão de lucros. Depois disso, criaram leis iníquas, debaixo de uma mascara que negava a justiça legitima. Alguns salvaguardaram, em face da força real do povo, a avareza e a gula, empregando, para tais fins, a violência, a riqueza e o odio. Refugiados assim da profunda verdade, instituíram privilegios, individualizando a igualdade, e dentro desse descabro, dominaram os demais e se fizeram diferentes pelas roupas e pelas armas».

Essa é a definição concisa da formação do capitalismo. Esses que se fizeram diferentes pelas roupas são homens arcebispos e os bispos, todos os principes da Igreja, principalmente. Si Lactancio, doutor da Igreja no ano 300 mais ou menos, como hoje é doutor da Igreja o nosso Cristiano de Athayde... si Laytancio vivesse nos nossos dias, D. Sebastião Leme e Cristiano de Athayde denunciariam a policia de ordem social mais um comunista perigoso... Por que, nem Cristo seria poupado.

Mus, continuemos com Volney.

«Para alimentar esse luxo desentreado, os escravos e as mulheres venderam e credito, e a venalidade introduziu em tudo uma depravação geral: venderam o favor supremo ao visir, e o visir o vendeu ao imperio. Venderam a lei ao cauí (1) e o cauí vendeu a justiça. Venderam ao padre o altar e o padre vendeu os céus; e o ouro conduzindo a tudo, tudo se fez para obter o ouro: pelo ouro, o amigo traiu seu amigo; o filho traiu o pai; o servidor ao amo; a mulher a honra; o comerciante, a conciencia; e, no estado, não mais houve nem boa fé, nem costumes, nem concordia, nem força moral».

E foi a rapina, e creceu a força armada para manter a população de cima».

O dinheiro foi escondido com avareza, cresceram os interesses dos capitales e a usura do rico agravou a miséria do proletariado que produz e tem sempre as mãos vazias.

E não são os privilegiados que morrem nas guerras, embora armem o braço do que trabalha.

Não são os ricos - que lavram a terra e semeiam o que é preciso para a nutrição.

Não são os governantes - que trabalham de sol a sol para sustentar o edificio social.

Não são os magnatas, desencadeadores das guerras - os construtores do progresso material de que se utizam, nem são eles os trabalhadores da cidade e dos campos, cujo suor rega o solo e fecunda a nutrição e o conforto dos privilegiados.

Mas, quando a situação se agrava, quando os miseráveis sem trabalho marcham sobre Washington ou sobre Londres, porque a fome assola e o frio coria as carnes, então, são varridos a metralthas, a granadas e a jatos de agua gelada ou gazes asfixiantes. Volney, viu a perversidade dos que governam e o aviltamento dos que são governados.

E viu dois corpos desiguais: um, imenso, inumeravel, quasi total, Koupas pobres, indices de trabalho e miséria; o povo do trabalho - lavradores, artesãos, cientistas rosegados, os rebeldes, os que produzem E e grande corpo social.

O segundo, pequeno grupo, roupas vistosas e caras, pedrarias, rostos alimentados, sintomas de ociosidade e lufura.

Esse pequeno grupo compõe-se de monges e padres, todos os intermediarios entre os deuses e os homens, entre o céu e a terra, e os capitalistas, chefes militares, uauas elegantes, prostitutas de alto bordo, intelectuales, cientistas e artistas prostituidos, os altos, assistidos do governo e da industria.

Os dois corpos se deitaram, e ambos traxem banueiras. Vejamos um trecho do dialogo de Volney.

«O grande corpo dia ao pequeno:

«Porque razão estas preparadas de nós? Não sou do mesmo numero?»

«Não, respondeu o grupo: Vós souis o povo; nós somos, somos um corpo distinto, uma classe privilegiada, que le-

PRO "A PLEBE"
Muito brevemente grande festival pro "A Plebe", com o concurso do Grupo Teatro Social, que levava á cena o drama social - **A Idéa em marcha.**

(1) Cauí - juiz maior de tyran.

nos as nossas leis, os nossos usos, nossos direitos à parte.

O POVO

— E de que trabalho viveis em nossa sociedade?

OS PRIVILEGIADOS

Nós não somos feitos para trabalhar.

O POVO

Como adquiristes então as vossas riquezas?

OS PRIVILEGIADOS

Tomando o cuidado de vos governar.

O POVO

Sim! nós nos fatigamos e vós gosais! nós produzimos e vós dissipais! As riquezas veem de nós e vós as absorveis, e denominais a isso governar!... Classe privilegiada, corpo distinto que nos sois estranho, formai vossa nação à parte e havemos de ver como subsistireis.

O POVO

Raça pura dos conquistadores! mostrai-nos as vossas genealogias! veremos em seguida que, aquilo que, no indivíduo é roubo e rapinagem, torna-se virtude em uma nação.

Para desviar, alguns homens astuciosos exclamaram: Povo doce e fiel, reconhece a autoridade legítima: o Rei quer, a lei ordena.

Então, os privilegiados militares disseram: A multidão não sabe obedecer senão à força, é preciso castigá-la. Soldados, feri este povo rebelde.

O POVO

Soldados! vós sois nosso sangue! Ides ferir vossos pais, vossos irmãos? Si o proletariado morre, quem nutrirá o exercito?

E os soldados, baixando as armas, disseram: Também somos povo, mostrai-nos o inimigo! Então os privilegiados eclesíasticos disseram: Não ha senão um recurso: o povo é supersticioso; é preciso aterrorizá-lo com o nome de Deus e com a religião.

Nossos filhos queridos! Filhos! Deus nos estabeleceu para vos governar. E' preciso a fé; a razão se desvia. Deus quer a paz: a religião prescreve a obediência. Estamos aqui para sofrer.

Impossível citar todo o livro... E que de sugestões! Quando os povos se vão esclarecendo à luz do trabalho e dos sofrimentos, os tiranos, a classe privilegiada conspira:

— Desgraçados de nós si os povos abrem os olhos! Fazem a revolução, antes que o povo a faça... proclamam os liberais. E prometem liberdades. E os demagogos democratas veem falar na praça publica.

Capitalistas, políticos, militares— todos se arrogam em representantes da vontade popular, são os advogados do povo. Então, põem-se também em campo os ministros de Deus. E o arcebispo e os bispos e todo o còro de padres e frades, monges e freiras, todos se misturam com o povo, porque precisam do seu sangue.

Formam-se batalhões para defender a causa do povo... a causa da liberdade, a causa santa da lei e da justiça, a causa de Deus.

E todos dão o seu ouro, as cruces peitoraes, as reliquias, para mostrar o seu desprendimento ao povo.

E os santos padres discursam e oram e reúnem o povo para o combate glorioso.

E o povo anónimo rega as trincheiras com o seu sangue. Voltam os mutilados, láto, estandade, mais miseráveis...

Os privilegiados têm sempre o pão garantido e o superfluo. Reabrem-se os teatros. E a classe privilegiada de novo se diverte.

Foi vencido um partido político. São presos os políticos, os arautos dos ricos, demagogos da Lei, da Justiça, da Liberdade.

Mas, o sr. arcebispo, os bispos e padres, os missionários de Deus continuam livres para o assalto à bolsa e à consciência. Incólumes. Nada os atinge. Gosam de imunidades divinas.

Mas, as trincheiras ficaram juncadas de cadáveres anónimos. Ninguém apura a sua responsabilidade no massacre do povo.

Os políticos podem ser deportados, os generaes podem ser fuzilados, os vencidos vão ao carcere, ao exílio ou à morte, mas, o clero todo poderoso goza de imunidades. E porque?

E' Volney quem vai responder:

... porque, em todos os tempos, em toda parte, encontraram o segredo de viver em paz no meio da desordem por eles causada; em segurança, sob o despotismo por eles favorecido; em repouso no seio do trabalho que prégam para outros; na abundancia em meio da penuria; e isso, exercendo o commercio singular de vender palavras e gestos a criaturas crédulas que lhes pagam como bens dos mais preciosos.

Porque: De um lado e do outro, em todas as facções politicas está o corpo pequenino da casta privilegiada, todos pertencem à classe dos que governam.

E, amanhã, será a outra facção que vai precisar dos serviços dos ministros de Deus... e da Igreja. De Carlos Magno a Mussolini, passando por Napoleão, todos os aventureiros do assalto ao poder receberam a benção dos augustos representantes de Deus.

Cardeal, arcebispos, Bispos, sacerdotes, missionarios, todo o cortejo dos santos padres está a serviço do pequeno corpo de privilegiados e ganha sempre, e não perde nunca: são daqueles prostituidos de que fala Han Ryner, e se deixam violar por todos... para maior gloria do Deus e da Igreja.

Sempre foi assim. Em todos os seculos.

Até quando o povo permanecerá cego e surdo?

Será infinita, congenital e eterna a imbecilidade e a covardia humana?

Maria Lacerda de Moura

Opinião alheia

«Políticos já saíram para o Exterior, mas ainda outros faltam seguir e falta punir bispos e padres que, abusando ostensivamente de sua autoridade sobre certas consciências, aconselharam católicos a matar irmãos, e formaram batalhões para o fim deshumano de derramar sangue de inocentes e adversarios.

Por que deportar políticos e também não estes traidores que são ainda mais responsáveis do que os primeiros?»

Manoel Ribeiro

Movimento Operario

Pelo campo, fabricas e officinas

Nota-se em todos os organismos proletarios uma atividade conjuntadora de ação e movimento, no sentido de estreitar cada vez mais os laços de fraternidade que deve unir a todos os trabalhadores. O movimento associativo atingiu uma fase pletórica, de mais valor no momento atual, porque os tentáculos do poder pretendem, com a carta de sindicalização transformar a consciência das massas trabalhadoras, que à margem da politica, respondem à afronta organizando-se livremente, em torno da Federação Operaria de São Paulo.

Federação Operaria de São Paulo

Proseguindo na senda que desde sua fundação trilhou, a Federação Operaria de S. Paulo desde sua reorganização em 1930 vem coordenando o movimento sindical da capital e do interior, dentro dos principios apolíticos e da ação directa. Sua atuação desassombada no combate aos boliqueiros de todos os matizes tem provocado nestes o desejo de exterminala por meio de toda serie de ataques e de calunias aos seus militantes. Os trabalhadores em quasi sua totalidade conhecedores da atuação da Federação e dos fins visados pelos seus detractores, têm cerrado fileiras em torno dela e cada dia lhe demonstram mais patentemente sua solidariedade correndo em massa aos sindicatos a ela filiados.

Atualmente a Federação está reivindicando as Férias, a jornada de 8 horas, o salario minimo e outras medidas de indiscutível necessidade imediata para a classe trabalhadora.

União dos Artifices em Calçados

Como sempre, quando foi preciso mostrar quanto vale a consciencia classe, este sindicato continua na coluna da vanguarda do sindicalismo revolucionario. Agita-se agora no sentido de fazer cumprir a lei de ferias e a de 8 horas.

As assembleas têm sido muito concorridas, havendo extraordinaria animação associativa.

União dos operarios Metalurgicos

Este sindicato, que no momento, graças aos esforços dos seus militantes, está em franco triunfo, como todas as outras classes se agita no sentido de não deixar burlar a lei de ferias e a lei de 8 horas.

Comunicam-nos com entusiasmo e satisfação a recente fundação da sua filial em São Caetano.

Sindicato dos operarios em Fabricas de vidros

Apesar da força patronal que tem procurado manter os operarios em fabrica de vidros, acorrentados ás suas conveniencias, o sindicato dos operarios em Fabricas de Vidro movimentam-se no sentido da sua reorganização.

Sindicato dos Manipuladores de Pão e anexos confeiteiros de São Paulo

Esta classe, que em Maio ultimo deu uma grande demonstração da sua força colévia, agita-se cada vez mais, caminhando para

alcançar o seu antigo prestigio, que em breve será reconquistado.

União dos Operarios em fabricas de chapéus

E' o unico sindicato que parece manter-se à margem das energias que em todas as classes animam a sua vida associativa. Que fazem camaradas chapelleiros?...

União dos Trabalhadores da Ligth

Realizou-se no dia 16 do corrente uma assemblea geral da classe para tratar da sua reorganização e reclamar a Lei de Férias.

Sindicato dos Profissionais do Volante

No salão dos Trabalhadores Graficos reuniram-se depois de algum tempo estarem combatidos pela desorganização da classe os profissionais do volante.

A reunião foi animadora.

Sindicato dos Canteiros de Itatiba

Avante! camaradas que trabalhaes no duro labor das pedreiras. Os trabalhadores, nossos irmãos e camaradas vos esperam no aperto de mão da solidariedade!

Um canteiro,

Canteiros de Ribeirão Pires

Um pouco amortecida a sua ação devido à falta de trabalho neste ramo de atividade proletaria, a consciencia de classe dos seus militantes mantem-se inalterada.

Liga O. da Construção Civil

O movimento que se observa na sede deste sindicato é deveras surpreendente, a sua C. E. vê-se em serios embarços para atender a todos os operarios da Construção Civil que reclamam o cumprimento da Lei de Férias e procuram ingressar no quadro associativo.

União dos Empregados em Cafés

Em torno das oito horas de trabalho e da lei de Férias que alias, em muitos estabelecimentos já estão em organização, a União dos Empregados em Cafés não desmente no momento historico que atravessamos, o seu passado de luta e de conquista. E' grande o numero de membros da corporação que procuram ingressar no sindicato.

Sindicato dos Operarios em Frigorifico e anexos

Foi constituído este sindicato de classe dentro das normas do sindicalismo revolucionario.

União dos Trabalhadores da Limpeza Publica

Acaba de ser reorganizado a União dos Trabalhadores da Limpeza Publica, cujo assado de lutas constitui um dos mais belos episodios da solidariedade proletaria.

Sindicato dos Trabalhadores em fabricas de Bebidas

Está funcionando, á Rua Quintino Bocayuva, 80, com extraordinaria animação a associação desta classe cujas normas obedecem ao sindicalismo revolucionario.

União dos Operarios em Fabricas de botões, Pentos e Similares

Mais uma agrupação proletaria que vem juntar-se à falange das massas trabalhadoras cujas bases estão à margem da Politica.

Avante!

Pela viuva e os filhos de Matteotti

Todo o mundo conhece o tragico fim do deputado italiano Giacomo Matteotti. Os picários do fascismo, depois de um seu impavido discurso na Camara dos deputados, apoderaram-se do infeliz, assassinaram-no, esquartejaram-no e espalharam os membros dilacerados pelos campos da região romana! E nesse dia fatal, 10 de julho de 1924, Matteotti expirou exclamando: *Vós me mataste mas minha vida não morreu!*

O heróe proletario. O assassinato de Matteotti é o cancro que rói inexoravelmente o fascismo.

O «duce» e seus asseclas, entretanto, não se satisfizeram com o hediondo crime. A sanha cae também sobre a viuva do heróe e seus desgraçados filhos. A senhora Matteotti vive sob uma pesada e continua perseguição. Não pôde sequer visitar o túmulo do marido!

Seguem-na por toda parte. Um official da milicia fascista com 50 agentes vigiam-na constantemente a casa.

Francisco Fausto Nitti, sobrinho do ex-presidente do Conselho, levou, certa vez, um maço de flores à infeliz senhora e, por isso, foi condemnado a cinco annos de «regro»!

A palavra Matteotti não se pronuncia impunemente, na Italia. E' proibido. Os filhos do martir não podem usar o nome do pai!

A viuva deseja procurar asilo em qualquer paiz estrangeiro. Negam-lhe o passaporte. No ano passado, o doutor Mario Gemiani, medico muito conhecido pelos seus trabalhos em Paris, Berlim e Vienna, intimo que fóra de Matteotti, foi á Italia para ver se conseguia a expatriação da senhora e dos filhos do seu desventurado amigo. Pois bem, esta piedosa intenção valeu ao dedicado medico a pena de dez annos de carcere.

Diante de tanta injustiça, de tanta infamia, surgiu a ideia da criação do Comité Internacional Feminino «Matteotti» com o fim de levantar no mundo civilizado um protesto contra as perseguições de que são victimas a senhora Matteotti e seus filhos e obter, pela pressão da opinião publica, que os mesmos possam retirar-se da Italia.

Preside esse Comité a notavel escriptora inglesa senhora Sylvia Pankhurst cujo endereço é 56, Corringham Road, London N. W. 11.

Associando-se à benemerita campanha, o Grupo Socialista «Giacomo Matteotti» promove um protesto publico que terá logar no dia 19 de Novembro, ás 20 horas no salão da rua Quintino Bocayuva, 80. Falarão o dr. Francisco Frota, advogado e jornalista que foi colega de Matteotti no Parlamento e na direção do partido Socialista Italiano, e a conhecida escriptora patricia, d. Maria Lacerda de Moura, correspondente do comité Internacional Feminino.

A ENTRADA E FRANCA

Munições para "A Plebe"

O nosso jornal vive, vive e viverá do apoio moral e economico que lhe é dado por todos que se interessam pela sua publicação.

Essa afirmativa foi sempre comprovada pelas subscrições permanentes abertas em seu favor, onde se registram os tostões arrancados o mais das vezes ás rudes necessidades— ao pão para a boca:

LISTA N. 2 (a cargo do camarada Falombo): — Ottiliano, 12; Mario, 2.000; Camillo, 12; Braz, 2.500; Russo, 2.500; Armando, 12; Ricciolo, 12; Dante, 12; Emilio, 2.000; Ferrini, 12; Oriando, 12; e V. Falombo, 12. Total: 11.000.

A sinistra aventura

Que pavorosa tragédia, que horrível pesadelo! Oitenta dias, quasi tres mezes de sobressaltos infantis, de angustias inenarráveis, de padecimentos indizíveis. Que pena e que tintas para estigmatizar com cores autenticas e verdadeiras os autores do terrível atentado, os forjadores da cinica e sangrenta tragedia, esses miseráveis politicos que fizeram derramar ao povo de S. Paulo e do Brasil rios e rios de sangue para que eles podessem de novo galgar as escadas do poder, subir ao pináculo da governança e como antigamente dominar o Brasil, este paiz digno de melhor sorte, e serem os unicos a mandar, a ordenar, a imperar.

Que pintor e que pincel para executar este hediondo quadro, este lúgubre e infernal painel d'um povo que, enganado por algumas dezenas ou centenas de politicos sem trabalho e de jornas mercenarias e venais, se lança á pejeja, accorre a todas as fronteiras e cercado, engarrafado, bloqueado, resiste durante oitenta dias ás investidas adversarias, vertendo o seu sangue, perdendo a sua vida, sacrificando a sua existencia em holocausto a interesses estranhos, inconfessáveis e duvidosos, tudo dando para nada ganhar?

Este povo generoso, trabalhador e ativo, este heroico povo que fez a grandeza de S. Paulo, que tornou esta cidade a maior metrópole industrial da America do Sul, que derrubou as florestas centenarias, que rasgou infundáveis estradas de ferro e de rolagem, que levou os trilhos férreos através do Estado a todos os Estados limítrofes, que fez surgir do seio da terra esses infinitos e verdadeiros caezes que são a admiración do mundo e a riqueza do Brasil, um povo de tanta capacidade e de tanta iniciativa en-

ganado, iludido, ludibriado pelos seus politicos, pelos seus padres e bispos e pelos respectivos industriaes, deixa as ferramentas do trabalho produtivo e fecundo; pega da espada e da carabina e marcha cegamente, irrefletidamente, desvairadamente para a guerra, em busca da morte e procurando matar tambem os seus irmãos, brasileiros como ele, dos quaes nada o afasta, nem a lingua, nem a religião, nem as tradições, nem os proprios interesses!

Ah! com que infinita simpatia nós lamentamos as victimas de tão nefando excidio, as victimas da sua propria ingenuidade e boa fé, as victimas imoladas a interesses de terceiros, os nefandos carrascos deste povo ingenuo, crédulo e dedicado!... E que imenso desprezo votamos a esses verdugos politicos, a essa caterva de negociastas de toda a casta que subordinam os interesses da região e da nação aos seus proprios interesses, os quaes criam conflitos tremendos para serem resolvidos á custa do sangue dos ingenuos e dos puros de coração, e que ás vezes dos falsos pastores se arremessam em choque tremendo procurando morte e matando reciprocamente!

Quando chegará o dia em que o povo tome em mãos os seus proprios negocios, trate pessoalmente dos seus naturais interesses, saiba dirigir os seus proprios destinos, deixando de obdecer a ordens estupidas, não escutando palavras fementidas, não atendendo a promessas mentirosas nem a empreitadas perigosas?

Povo, trata de paz a todo o custo. Guerra somente aos flagelos, ás doenças á ignorancia e abusões, á exploração de que somos victimas. Como na célebre canção: «paz entre nós, guerra aos senhores!»

O nosso reaparecimento

A nossa ação

«A Plebe» que os homems da lei tanto perseguiram, este modesto semanario que os chamados mantenedores da ordem procuraram astixiar por todos os modos, dificultando-lhe a vida e a irradiação, não olhando a melos nem recuando ante os processos mais violentos, resurge, como a Fénis da fabula, de suas proprias cinzas.

Um modesto periodico, como é este nosso, não deveria nunca despertar as iras da policia, nem os odios dos industriaes, nem as hostilidades dos desfibrados politicos, quando ele não tem em mira mais que concorrer para que os trabalhadores se eduquem, se instruem, se congreguem para oppôr barreira á feroz opressão e exploração de que são victimas todos os que trabalham e para estabelecer a paz e a igualdade entre os homems.

Mas, eis o ponto delicado do problema. As castas exploradores não admitem que se abra os olhos áqueles que elas consideram seus escravos e tentar levar-lhes um alento de futuras melhorias, uma esperança de mais felizes e luminosos dias, uma réstea de luz nas trevas da sua infeliz existencia, constítue, para os modernos negreiros, como para os antigos, o mais negregado atentado que se possa cometer. E, incapazes de tomar uma attitude desassombrosa, apelam para a policia, para que esta, sua serva submissa, prenda, espanque, expulse, persiga, deporte todos os que tenham um ideal superior e a coragem de o proregar, discutir, preconisar-o entre as massas trabalhadoras, e torne tambem impossivel a publicidade de qualquer jornal que procure insuflar no ânimo e no espirito do povo ansias de transformação e de renovação moral e social.

E a «A Plebe», modesto semanario dedicado ao estudo e debate de todos os problemas que se relacionam com a Questão Social e com as aspirações dos trabalhadores, viu-se na sua não muito longa existencia alvo das mais iniquas e vexatorias investidas. Foi perseguida por todas as formas: apreendida, empastelada, processada, sequestrada, impedida de circular no correio. Havia enfim o proposito deliberado de a extrangular. E a sua publicação suspendeu-se á espera de melhores dias, á espera que as léras fossem amordaçadas. Agora reaparece com o programa de sempre: ação libertaria.

A sua vida depende do auxilio que encontrar entre todos os camaradas e simpatizantes.

Por isso, esperamos que todos aqueles a quem interessar a sua regular publicação se apressem em auxiliarnos, já arranjando assinantes, já mandando artigos ou correspondencia, já propagando-a entre todos áqueles a quem as ideias possam despertar carinho, simpatia, adesão.

faziam a galope, Quantos passavam, «por acaso», eram detidos ou repellidos. A ninguém era permitido parar. Assim, áqueles que não sabiam da morte de Malatesta, vieram a conhece-la pelas medidas extraordinarias da policia. Os comentarios indignados não faltaram.

Em Verano, a demonstração de força era verdadeiramente imperial. Por ordem da administração do cemiterio, é plantada uma cruz de madeira sobre a sepultura do grande libertario. Como se vê, na Italia, hoje, é de obrigação tornar-se catolico, pelo menos depois da morte.

Os mesmos agentes que o vigiaram vivo, agora estão acampados noite e dia sobre a sua sepultura. Será que temem a resurreição de Malatesta?

(«L' Italia» - 28 - 10 - 32)

A marcha da fome

Quem não terá comparado a marcha das legiões famintas a caminho das grandes capitães com a marcha dos barbaros sobre Roma? A muitos terá ocorrido certamente. Os barbaros do norte achavam as suas regiões muito frias e inclementes, os seus vestuarios muito ásperos e rusticos e sabiam que para o sul havia uma metrópole cheia de palacios onde homems e mulheres formosas, ostentavam as mais ciulinhas joias, envergavam os mais finos e macios estolas, entregando-se dia e noite aos mais deliciosos prazeres, alimentando-se dos mais finos e

suculentos manjares, bebendo os mais capitosos e aromaticos licores, e frequentando os mais apetitosos espetaculos, em meio a um clima brando e ameno, iluminado por um sol morno e acolhedor em extremo.

E a sua marcha irresistivel para o sul, a sua influencia cada vez maior no exercito levou a queda do Imperio, ao esfacelamento e á dissolução do que se poderia chamar civilização romana e em seguida áquele milenio de treva e pavor religioso que tão deletério efeito produziu á marcha do progresso e que tão funestas consequências teve para a humanidade.

Hoje, respeitadas as distancias de tempo e de lugar, assiste-se a espetáculo parecido. São as legiões de famintos que de todos os extremos do paiz se dirigem em colunas, em procissões ás grandes capitães, Londres e Washington, em busca do pão e do agasalho que lhes falta. São milhões de operarios desempregados, sem alimento e sem conforto, que se apresentam nas modernas Babilonias, nos modernos Baltazares, nas modernas Romas onde o luxo, a riqueza, o prazer e o fausto habitam, para que os governantes e os membros das classes privilegiadas, os enricados de toda a especie, fiquem sabendo que a vida do trabalhador nada tem de divertida e que a par da infinita opulencia de poucos existe a infinita miseria dos que não têm que comer, nem

que vestir, nem onde descansar a cabeça ou o corpo fatigado.

Quantas aristocraticas miseras não se assustariam com os modos rudes, com o aspecto sombrio, com os rostos esquelidos e barbudos desses infinitos infelizes e não os suportariam bárbaros vindos de regiões distantes, ao contrario de patricios, homems que falam a mesma lingua e vivem dentro das mesmas fronteiras e com os mesmos direitos ao trabalho, á comodidade, ao conforto, á felicidade como elas?

E esse espanto justifica-se. Quem nasceu em berço de ouro, envolvido em ondas de rendas, sedas, brocados e arminhos, deve necessariamente ter a impressão de que todo o mundo participa do mesmo fausto e da mesma grandeza suntuaria, e que aquellas outras creaturas sujas, rotas, desalinhas, devem necessariamente pertencer a tribus de gentes inferiores, animaes de carga sem vontade e sem raciocínio.

Tambem as patricias romanas fremiam de indignação ao ver que os bárbaros, embriuhados em peles de animaes e transportando em carros a propria familia, iam invadindo o territorio, derrotando os exercitos romanos e tornando dia a dia mais extensa a sua influencia na vida do Imperio.

Mas era fatal. A vida dos romanos passava-se em regaños, orgias e farras de toda a especie como fazem os argentarios atuais de todo o mundo, indiferentes á sorte dos proletarios que tudo produzem sem proveito ou agradecimento, fiados em que os pretorianos, as milicias, as policias e os exercitos os defendam das arremetidas dos legionarios da fome, das demonstrações, protestos e embates dos milhões de desempregados que enchem o mundo com gritos de desespero, clamando por trabalho, por pão, por socego e tranquillidade.

Parece que a Historia se repete. Esperemos que aconteça á sociedade moderna no tempo, mas velha nas usanças, o mesmo que succedeu á antiga Roma que não pôde resistir aos choques e embates das populações bárbaras que a assediaram constante e repetidamente até que tudo se esfacelou, resultante daí a elaboração da sociedade moderna. Tambem das ruinas do mundo burguez e capitalista ha de sair um mundo novo, uma concepção nova da vida, uma nova forma de convivencia social que não permita haver famintos no meio da fartura e da abundancia.

... O fim justifica os meios. Essa maxima tem sido muito difamada; mas, em realidade ela é o guia universal da conduta. E' por isso que será melhor dizer: todo fim quer seus meios. Porquanto é no fim que é preciso procurar a moral; o meio é fatal... O fim ou o objetivo dos Jacobinos e de todos os partidos autoritarios, que se creem de posse da verdade absoluta é impôr suas proprias ideias á massa dos profanos. Devem pois esforçar-se por apoderarse do poder, subjugar as massas e deitar a humanidade ao leito da Procuista de suas concepções... Para nós a coisa é muito outra: sendo absolutamente diferentes o nosso objetivo, os nossos meios devem ser totalmente diferentes.

ERRICO MALATESTA («L' en eshours», 17, agosto de 1893)

O Cadaver de Malatesta apparece a burguesia reacionaria

ROMA. — Mal soueram os agentes de guarda ao edificio n. 8 da Praça dos Heróes, da morte de Errico Malatesta — e a comunicaram aos seus superiores. Esses, logo após se porem em contacto com o Ministerio do Interior, tomaram varias medidas para que a noticia daquela morte não circulasse em Roma, nem saísse de Roma. Porem, em relação ao exterior as medidas policiaes foram tardias, e quanto a Roma, a noticia era já do dominio publico.

Impossibilitada assim de impedir que a morte do agitador fosse logo conhecida, a policia fascista fez tudo para que a noticia não desse lugar nem mesmo ás manifestações de pesar que acompanham á sepultura os solavios e os anónimos.

A porta da casa e as escadas foram imediatamente ocupadas por um forte bando de agentes e carabinieri, com ordens terminantes de evitar qualquer reunio ou tentativa de reunio. Assim que, quantos effluam para render uma ultima homenagem ao velho, apostolo tenaz e militante da ideia libertaria, eram politicamente afastados, desistindo, na generalidade. Alguns companheiros conseguiram todavia penetrar no domicilio do morto candidatando-se desde logo ao domicilio coacto.

O funeral foi marcado para o sabado, ás 15 horas; naturalmente o itinerario foi imposto pela policia e mantido em segredo. Um segredo é morto de dizer, porque, a propria medida tomada pela policia fez com que

fosse conhecida algumas horas antes. De fato, agentes e carabinieri haviam ocupado toda a estrada pela qual o carro funebre devia passar.

Proibição absoluta de seguir o feteiro a pé.

Os poucos autorizados a acompanhar os despojos foram forçados a sair em tres coches. Proximo ao carro vinham — o automovel da policia, o unico a estacionar em frente á casa de Malatesta — naturalmente cheio de agentes — e um caminhão da policia. Numerosos «gentes» em bicicleta enquadram o cortejo.

Errico Malatesta vinha carregado para o cemiterio com a mesma demonstração de força com a qual usavam, vivo, levá-lo ao Tribunal.

Uma só coisa: da familia. Unico districto permitido: A Errico Malatesta — Edoardo e Tristano (sobrinhos do morto) — Elena e Gemma (companheira a primeira; e filha adotiva, a segunda).

Algumas crianças dos vizinhos haviam levado ramos de flores (que acontecerá agora aos seus paes?)

Mas, não foram admitidos no carro. Alguns companheiros legaram cravos vermelhos. Foi luterado que os collocassem dentro do caixão. A filha adotiva queria levar consigo, para depôr na sepultura, um grande ramo de flores vermelhas. O commissario declarou que não podia permitir tanta ostentação de vermelhos. A jovem exasperada, atirou as flores pela janela.

Logo o percurso que os estrros